

Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história

Maria Laura Pozzobon Spengler¹

Resumo

Sabemos que há muito tempo a literatura destinada a crianças e jovens vem tomando espaço nas pesquisas acadêmicas; e a imagem, conhecida como ilustração, também tem seu valor garantido na literatura infantil e juvenil. Especialmente nas últimas décadas, os livros ilustrados tomam espaços nas prateleiras de livrarias e bibliotecas, fornecendo aos leitores o acesso aos mais variados tipos de arte. Este artigo pretende elaborar um histórico da literatura infantil e suas ilustrações, elencando dados e informações relevantes desde o surgimento dessa literatura até a contemporaneidade.

Palavras-chave

Literatura infantil; histórico; ilustração.

Abstract

We know that long time ago the literature aimed at children and young people is taking place in academic research, and the image in children and youth literature, known for illustration, also has your value guaranteed. Especially in recent decades, the picture books take spaces on the shelves of bookstores and libraries, giving readers access to all kinds of art. This article intends to develop a history of children's literature and illustrations, listing relevant data and information from the emergence of this literature to the contemporary.

Keywords

Children's literature; history; illustration.

Quando aprendi a ler, a vantagem que me adveio foi mínima:

Aqueles versos simplórios de rimas emparelhadas não forneciam informações inspiradoras [...]

Seja como for, eu preferia ignorar as linhas escritas e continuar na minha ocupação favorita de fantasiar “em cima” das figuras, imaginando a continuação.

(CALVINO, 1990).

Quando pensamos em literatura infantil no espaço da pesquisa acadêmica, logo nos vem à mente a preocupação com a aceitação desse gênero como literário ou não. No entanto, constatamos que essa produção vem recebendo, nos últimos anos, merecidos trabalhos teóricos² e que sua inserção na sociedade já é fato dado, em especial no espaço escolar, em que a relação entre texto e imagem no livro de recepção infantil e juvenil ganha cada dia mais força. Para entendermos um pouco dessa produção, é necessário fazer uma retrospectiva histórica do livro infantil e do papel desempenhado por ele na sociedade em tempos diversos.

Embora existam contradições,³ podemos dizer que a primeira ideia de um livro ilustrado destinado ao público infantil e juvenil, embora sem caráter literário, data de 1654, quando o educador tcheco Jan Amos Comenius publicou o *Orbis pictus* [*O mundo de imagens*].

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: lolyzinha@hotmail.com

2 No estudo da história da literatura infantil, três autoras brasileiras destacam-se no cenário da pesquisa desse gênero: Regina Zilberman, Marisa Lajolo e Nelly Novaes Coelho. Seus textos são reconhecidos nacional e internacionalmente e servem como fonte de estudo para a compreensão da literatura para crianças e jovens no Brasil.

3 Como não há uma exatidão nas informações sobre as primeiras publicações, acreditamos que os precursores foram os livros religiosos, as cartilhas escolares e as enciclopédias (ZIMMERMANN, 2008).

Esse material era uma espécie de enciclopédia ilustrada que usava a imagem para dirigir-se ao texto. A partir desse livro, a imagem passou a ser usada com objetivo educativo e científico, ultrapassando o cunho religioso que ela representava até então (NECYK, 2007).



Figura 1 — Ilustração no livro de Comenius – *Invitatio*.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100005>.

No entanto, foi somente depois do século XVII que o mercado editorial começou a dedicar-se à publicação de livros para crianças, especialmente na Europa, com os contos de Charles Perrault e as fábulas de La Fontaine. Seguindo essa tradição francesa de representação de um mundo feérico, os contos dos irmãos Jacob e William Grimm, na Alemanha, e os contos de Hans Christian Andersen, na Dinamarca, ganharam força no século XIX. São desse período também os livros *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll, e *Pinóquio*, de Carlo Collodi, na Itália, que apresentavam características das narrativas maravilhosas citadas, mas delas se distanciavam ao apresentarem crianças como protagonistas das histórias. E com as obras desses autores, iniciou-se a demanda por livros com ilustrações.

O ilustrador brasileiro Rui de Oliveira, ao fazer uma retrospectiva histórica da ilustração no livro infantil, afirma que, a partir desse período (século XIX), surgiu uma classe de assalariados que começava a preocupar-se com a qualidade dos livros oferecida a seus

filhos. As ilustrações, então, começaram a estabelecer códigos de linguagem visual, e o livro passou a ser o objeto de arte e entretenimento que vinculava valores morais e educativos da época, ou seja, da Inglaterra vitoriana (OLIVEIRA, 2008).

As mudanças sociais, econômicas e culturais favoreceram a ampliação do comércio e a divulgação de textos literários para crianças e, conseqüentemente, de ilustrações, gerando, assim, crescimento na demanda de escritores e ilustradores. Essas obras que marcaram profundamente a história do livro infantil já eram percebidas como um considerável avanço em relação à divulgação da ilustração como um reforço do texto.



Figura 2 — Capa de livro dos Irmãos Grimm, de 1882. (POWDERS, 2008, p. 30).

Essas obras começaram a ser divulgadas mais amplamente no século XIX, na Inglaterra Pós-Revolução Industrial, quando a criança passou a ser vista como um ser que desempenha um papel específico na sociedade, com características e necessidades próprias, e começou a ganhar uma gama de produtos industrializados próprios, como brinquedos e, especialmente, livros, que surgiam como objetos de consumo.

Nesse sentido, Lajolo e Zilberman destacam que:

a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária [...], a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, [...] a escola incorpora ainda outros papéis, que contribuem para reforçar sua importância, [...] por força de dispositivos legais, ela passa a ser obrigatória para crianças de todos os segmentos da sociedade (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17-18).

As ilustrações das narrativas dos séculos XVIII e XIX estabeleceram convenções visuais porque as imagens se originavam de outras já conhecidas que influenciavam, de maneira significativa, os ilustradores contemporâneos. O estudo das imagens desses contos clássicos proporciona conhecimento para a história da ilustração.

Nesses mesmos séculos, XVIII e XIX, a escola, especialmente a fundada na Europa, trouxe consequências ao Brasil: passou a ser obrigatória e responsável pela divulgação dos valores morais da época. A educação preparava a criança para um mundo futuro de trabalho; e a literatura, por ter adquirido função formativa, foi carregada de uma visão pedagógica, que repetia os valores da burguesia dominante.

A partir desse período, os livros para crianças passaram a ser pensados como obras de arte; e os livros impressos, a partir da reprodução fotográfica de originais coloridos, tornaram-se itens de luxo para a nova sociedade burguesa que se formava. A ilustração dos livros destinados às crianças ganhou um novo universo, expandindo em técnicas e cores.

Segundo Rui de Oliveira (op. cit.), a concretização da relação entre a palavra e a imagem nos livros de recepção infantil e juvenil surgiu com o gênero chamado produção literovisual, quando William Blake e Edward Lear adotaram esse gênero em suas produções.

William Blake publicou, em 1789, o livro *Canções da inocência*, no qual imagem e texto se unem, tendo esse livro se tornado referência no início das pesquisas da ilustração em livros para crianças. Os elementos que existem nessas ilustrações mostram a contemporaneidade do autor ao iniciar a utilização de imagens narrativas nos livros infantis.

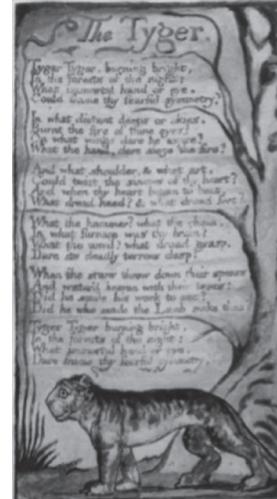


Figura 3 — Ilustração no livro *Canções da Inocência* de William Blake, de 1789.

Disponível em: <<http://childrensliterature.blog.com/tag/cancoes-sobre-a-inocencia-a-experiencia>>.

Edward Lear mostra, em sua obra, que poesia e desenho formam um mesmo corpo (OLIVEIRA, op. cit.). Ele se tornou conhecido por seu *A Book of Nonsense*, publicado em 1846, no qual uniu poesia e ilustrações de forma sutil e rica em humor.

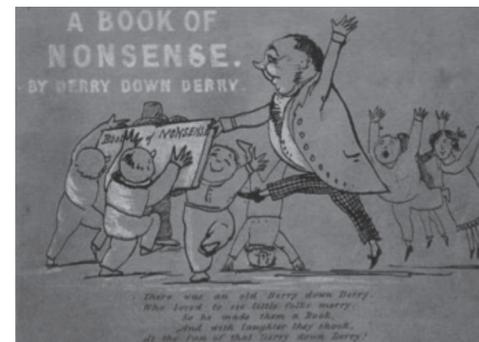


Figura 4 — Primeira versão impressa de *A Book of Nonsense*, de 1846. (POWDERS, op. cit., p. 32).

Lear mudou a literatura infantil e juvenil a partir da segunda metade do século XIX, quando transportou para suas ilustrações uma liberdade de expressão nunca vista antes (POWDERS, op. cit.). Acreditamos que suas ilustrações tenham influenciado Lewis Carroll, quando esse escreveu *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*.

A mais profunda influência das ilustrações de livros infantis, segundo Rui de Oliveira (op. cit.), iniciou-se no final do século XVI e prolongou-se até a década de 1870, no movimento de pintores de contos de fada, influência que encontramos até hoje nas ideias de um mundo ideal, povoado de fadas, duendes e bruxas, especialmente nas cenas de contadores de histórias. Uma inegável referência aparece na obra de John Anster Fitzgerald, que em suas obras elabora mundos fantasiosos com personagens fantásticos.



Figura 5 — *The Enchanted Forest*, de Fitzgerald.

Disponível em: <<http://www.artmagick.com/pictures/picture.aspx?id=5519&name=the-enchanted-forest>>.

Gustave Doré foi também importante pintor-ilustrador dessa época, conhecido, especialmente, pelas ilustrações dos contos de Charles Perrault, como “O Gato de Botas”, de 1862:



Figura 6 — Ilustração do conto “O Gato de Botas”, feita por Gustave Doré, em 1862.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=ilustracao-gato-de-botas-de-dore&cod_post=150939>.

Beatrix Potter surgiu nesse cenário, em 1902, quando publicou *The Tale of Peter Rabbit*.⁴ Sua técnica de aquarela foi um desafio aos métodos de impressão da época e “é uma das mais célebres ilustradoras inglesas de livros para crianças” (OLIVEIRA, op. cit., p. 40). Os personagens apresentados por Potter eram animais que assumiam expressões e comportamentos humanos. Até hoje seus livros são reeditados com suas características originais.

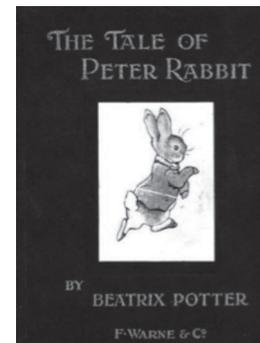


Figura 7 — *The Tale of Peter Rabbit*, de 1902. (POWDERS, op. cit., p. 26).

4 No Brasil, os livros de Beatrix Potter chegaram com o título *Pedro, o coelho*.

Do final do século XIX até a década de 1930, a ilustração alcançou um patamar definitivo como linguagem, especialmente no período entreguerras, quando textos e ilustrações despontaram no mercado editorial com o intuito de agradar as crianças daquela época.⁵ Até mesmo livros encontrados em sebos, por editores, eram revestidos de uma nova capa (sobrecapa) colorida para que pudessem ser novamente atrativos aos pequenos leitores (POWDERS, op. cit.).

Até então, para os leitores brasileiros, essas obras vinham da Europa, em língua original; eram objetos de poucos, e somente filhos de aristocratas da sociedade tinham acesso à literatura. Assim como no restante do mundo, o livro no Brasil surgiu como um produto da crescente urbanização, da industrialização e do crescimento da instituição escola, de cunho obrigatório, como formadora dos valores burgueses e ideológicos da época. E, como não existia, por aqui, um histórico de escritores para a infância, a solução foi traduzir e/ou adaptar as obras europeias e, posteriormente, publicar as histórias produzidas pela tradição popular.

No Rio de Janeiro, em 1869, Pedro da Silva Quaresma comprou a Livraria do Povo, que mais tarde passaria a se chamar Livraria Quaresma. Como editor, apostou em um público que não se encaixava nos padrões das livrarias de origem francesa, oferecendo livros de leitura fácil e amena para os leitores que eram desprezados pelas outras editoras por falta de “cultura”; esses livros tinham formato reduzido e preços acessíveis. Quaresma acreditava que o acesso a esses textos poderia proporcionar a vontade de realizar leituras mais densas. Seu intuito era fazer circular os títulos entre a população, bem como nos afirma Leão (2001, p. 124): “Quando lançava uma edição, fazia espalhar pela cidade grandes cartazes com os nomes dos livros, costumava vender suas brochuras pelas portas dos engraxates, a cavalo, num barbante”.

Esse mesmo editor-livreiro chamaria Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel para iniciarem a produção de livros infantis no Brasil. O primeiro, jornalista e professor alemão, entre as décadas de 1880 e 1890, destacou-se por traduzir títulos como *Robinson Crusoe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888) e *D. Quixote de La Mancha*, já em 1901.

Figueiredo Pimentel publicou adaptações e traduções dos contos europeus, em coletâneas, em pequenos livros de capa dura, dotados de poucas ilustrações, em forma de xilografuras, como *Os contos da carochinha*, de 1894.

Durante esse período, o Brasil ainda não tinha um parque gráfico de qualidade e essas publicações eram impressas na Europa. Esses escritores foram os desbravadores da literatura infantil, e Lajolo e Zilberman (op. cit.) destacam Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel como introdutores de uma literatura para crianças. Nesse momento, também as ilustrações ganharam nova perspectiva, quando o desenho do ilustrador passou a ser reproduzido mecanicamente, sem a necessidade da mão de um copiadador. A qualidade da impressão começou a ter destaque pelo projeto estético e gráfico.

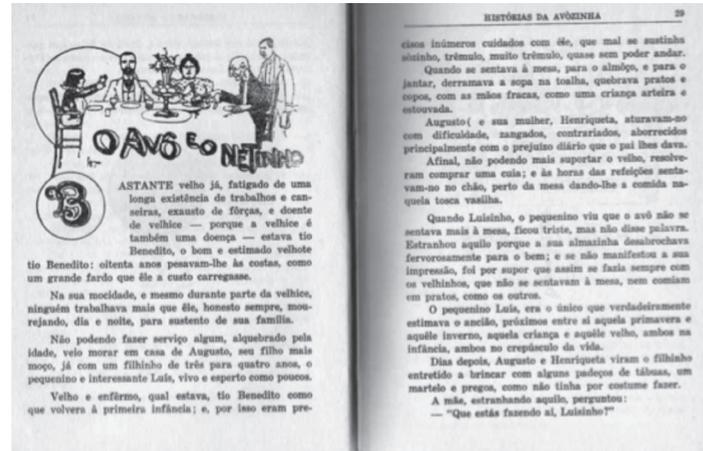


Figura 8 — Ilustração do livro *Histórias da avozinha* (1959), de Figueiredo Pimentel. (PIMENTEL, 1959, p. 28).

O início do século XX apresentou-se promissor para o crescimento da literatura infantil no mundo e, especialmente, no Brasil.

Na confluência desse espaço que se abria para a literatura infantil, surgiu a produção de Monteiro Lobato, escritor que alguns estudiosos

5 Cabe lembrar que a ilustração de livros infantis sofreu influências das escolas de pintura do século XIX (OLIVEIRA, op. cit.).

(LAJOLO; ZILBERMAN, op. cit.; COELHO, 2000; DEBUS, 2004) apontam como o responsável pelo início de uma literatura legitimamente brasileira, quando em 1921 publicou *A menina do narizinho arrebitado*. Por preocupar-se com a necessidade de escrever para a infância com uma linguagem própria, para que as crianças da época se interessassem, o escritor investiu na literatura voltada ao público infantil.



Figura 9 — Capa do livro *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato (1921).

Disponível em: <<http://produtosdositio.blogspot.com/2011/02/livro-menina-do-narizinho-arrebitado.html>>.

Os livros de Monteiro Lobato também ficaram conhecidos por serem os primeiros volumes brasileiros a trazerem ilustrações em todas as páginas, apresentando ilustradores como Voltolino e Belmonte. Voltolino era um importante caricaturista em São Paulo, e foi o responsável pelas ilustrações do livro *A menina do narizinho arrebitado* (CAMARGO, 1995).

Para Lajolo e Zilberman (op. cit., p. 47), alguns fatores sociais da época favoreceram a expansão da literatura infantil, entre eles:

a consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país, o aumento da escolaridade dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista.

O movimento da Escola Nova também trouxe mudanças importantes no cenário educacional brasileiro, ao conceber a escolaridade obrigatória; assim, havia a necessidade de fazer livros que chegassem ao ambiente escolar.

Na década de 1930, com Monteiro Lobato, conviviam outros escritores brasileiros que voltaram sua literatura para a infância, como Viriato Corrêa, Graciliano Ramos e Erico Verissimo. Viriato Corrêa escreveu vários títulos para crianças, entre eles *Cazuza*, de 1938. Graciliano Ramos também se arriscou nesse universo, quando venceu um prêmio com o livro *A terra dos meninos pelados*, de 1939. Erico Verissimo colocou seu nome na lista dos escritores para o público infantil, quando, em 1936, publicou *Aventuras do avião vermelho* e, a partir daí, muitos outros títulos.



Figura 10 — Capa do livro *Aventuras do avião vermelho*, de Erico Verissimo, de 1936.

Disponível em: <http://www.traca.com.br/capas/55494_medi.jpg>.

A literatura infantil criou um vínculo com a escola, muitas obras foram usadas didaticamente, com objetivo de nacionalização e alfabetização de todas as classes da população brasileira. Nas décadas que seguiram, os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação possibilitaram novas formas de apreensão da realidade, pela criação de novas linguagens.

O salto qualitativo que marcou a literatura infantil e juvenil no Brasil deu-se a partir da década de 1970. Uma nova concepção de infância, que surgiu com Monteiro Lobato, propiciou o nascimento de uma literatura infantil desvinculada do didatismo escolar. O compromisso até então pedagógico da literatura foi substituído pelo surgimento de novos autores e textos criativos: “valoriza-se, neste momento, o espírito questionador, lúdico, irreverente e bem-humorado” (RADINO, 2003, p. 108).

No Brasil, os estudos sobre a ilustração no livro infantil são bastante recentes. Luís Camargo (1995) inicia a apresentação de seu livro *Ilustração do livro infantil* com um panorama que indica que foi a partir dos estímulos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) que começou uma preocupação com a ilustração dos livros para a infância. Durante muito tempo, os ilustradores de livros infantis e juvenis estiveram anônimos, o que dificultou um estudo mais aprofundado de um panorama histórico sobre a ilustração no Brasil.

Segundo o estudioso, *Flicts*, de Ziraldo, publicado em 1969, marcou o nascimento de um novo período: o da publicação que traz as ilustrações como linguagem principal. Esse livro está entre o livro de imagem, no qual as imagens contam a história, e o livro ilustrado, em que texto e imagem interagem. Ele traz uma nova linguagem, na qual imagem e texto estão intimamente ligados: a ilustração como complemento do texto e o texto complementando a ilustração.

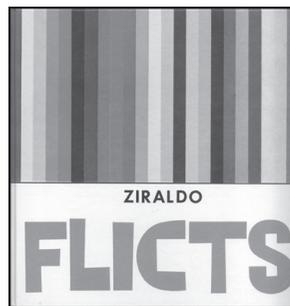


Figura 11 — Capa da edição de 1976 do livro *Flicts*, de Ziraldo, publicado em 1969.

Fonte: <http://www.jupix.org/2003-2005/flicts.jpg>.

A literatura infantil passou a assumir uma função sociocultural, sensibilizando o seu leitor de forma lúdica e oferecendo diferentes maneiras de ver o mundo. A literatura é agora arte que busca olhar crítico, bem como destaca Radino (op. cit., p. 114):

A obra literária pode romper com os padrões vigentes e constituir um novo objeto de conhecimento, na medida em que amplia e renova o horizonte de percepção do leitor, ao invés de refletir passivamente uma sociedade.

Nesse cenário, surgiu o primeiro livro só de imagens feito por escritor-ilustrador brasileiro: *Ida e volta*, de Juarez Machado. Desenhado em 1969, o livro foi publicado em coedição na Holanda e na Alemanha, depois na França e na Itália, em 1975, para finalmente, em 1976, ser publicado no Brasil (CAMARGO, op. cit., p. 71). O livro trouxe não somente uma inovação no padrão de ilustração, mas também a valorização do talento dos ilustradores-escritores brasileiros.



Figura 12 — Capa do livro de Juarez Machado. (Acervo particular)

Ida e volta aparece como marco importante para essa nova visão de literatura. Utilizando-se de linguagem não verbal e cenários compostos por ilustrações, constrói uma narrativa de forma singular, trazendo uma nova concepção na forma de ilustrar e narrar história via imagem. A partir de então, a imagem ganha lugar de destaque

nas obras, que transformam muitos livros para crianças em verdadeiras obras de arte.

Zilberman (2005) argumenta que o livro de Juarez Machado é uma criação inovadora, comprometida com o gênero literário de recepção infantil, proporcionando diversos caminhos de leitura e, mesmo sendo exclusivamente composto por ilustrações, a obra não se afasta do campo da literatura.

A imagem nos livros brasileiros de recepção infantil tomou corpo especialmente depois da década de 1960, quando passou a se definir um estilo de ilustração que foge dos padrões europeus. Em 1968 foi criada a FNLIJ, cujo objetivo, entre outros, é a divulgação e a premiação de publicações de qualidade no âmbito nacional. A premiação ao melhor livro para criança e ao melhor livro para jovens começou em 1974. E o livro de Juarez Machado levou o título de melhor livro sem texto brasileiro do ano de 1981 (FNLIJ, [s.d.]).

Percebemos que, durante toda a história da literatura infantil, existiu uma preocupação em tornar o “objeto-livro” cada vez mais expressivo, visando atender ao público para o qual se destina. Sabemos que o leitor infantil escolhe seus livros também pela aparência da capa, das ilustrações, da diagramação e do material utilizado na sua publicação. A imagem que permeia os livros literários destinados a crianças e jovens aparece, cada vez mais, como obra de arte.

Atualmente, existe, por parte tanto dos escritores e ilustradores quanto das editoras, uma preocupação em trazer, ao público infantil, livros que apresentem variadas linguagens, pois o livro, assim como todo o mundo que cerca esses leitores, deve ser mais uma forma de ampliar a leitura do mundo e, conseqüentemente, de possibilitar a produção de conhecimento.

Referências bibliográficas

- CALVINO, Í. *Seis propostas para o próximo milênio*: lições americanas. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- CAMARGO, L. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- COELHO, N. N. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Florianópolis: Ed. UFSC/Univalli, 2004.

FNLIJ (FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL). Livros premiados 1981-1990. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira*: história e histórias. São Paulo: Ática, 2007.

LEÃO, A. B. “A magia da civilização: uma sociologia do livro para crianças na república das letras”. In: SERRA, E. D. (Org.). *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Global, 2001.

NECYK, B. J. *Texto e imagem*: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo. 2007. Tese (Pós-graduação em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/ acessoConteudo.php?nrseqoco=32110>>. Acesso em: 13 maio 2009.

OLIVEIRA, R. *Pelos jardins Boboli*: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PIMENTEL, F. *Histórias da avozinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1959.

POWDERS, A. *Era uma vez uma capa*: história ilustrada da literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RADINO, G. *Contos de fadas e realidade psíquica*: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZIMMERMANN, A. *As ilustrações de livros infantis*: o ilustrador, a criança e a cultura. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Recebido em junho de 2010 e aceito em novembro de 2010.